

O mestre que ouvia mal



O mordomo pede ao mestre uma rapsódia

- Ó Edmundo, tu hoje estás burro de todo - repreendia Zé Luís Raposo o mestre, por ele não ter compreendido o pedido de um elemento da comissão de festas. E que pedido era esse? O mordomo, pelas 2 da manhã, pedia ao mestre Edmundo para a banda tocar uma rapsódia para o povo dançar, ao que o mestre, respondeu furioso:” Eles não bebem mais, já têm a conta que lhes chegue...”

O mordomo levanta os ombros, incrédulo e num tom de voz mais forte repete o pedido abrindo os braços, meneando o corpo simulando movimentos de dança. O mestre Edmundo, entendera agora o pedido. Com um brilho nos olhos ataca energicamente “Portugal a Cantar”, enquanto o pó no recinto invade de alegria a alma de todos os bailadores.

Numa outra festa em Vimioso, alguém da comissão, dirigindo-se aos músicos, pergunta quem é o mestre. Depois de apontarem para o Sr. Edmundo, o homem, com esgares de pacóvia surpresa responde:” Vá, não brinquem comigo, digam lá quem é o mestre... A dúvida fazia sentido, pois o homem da batuta apresentava-se provincianamente vestido. Colarinho desapertado deixando cair a gravata; casaco comprido e deformado; calça curta e amarrotada; sapatos de feira e delapidados de cor. Quanto à barba, nem estava feita nem por fazer.

E assim, com tais ingredientes, era difícil acreditar que aquele fosse o mestre da distinta Banda de Mateus, conotada de uma auréola invejável em toda a Província de Trás-os-Montes. Depois de vistoriar a patética figura com minúcia de cima a baixo, o espantado mordomo esboça um sorriso condescendente sem dizer mais nada.

À noite no coreto durante a execução de uma peça, mestre Edmundo, surpreendentemente, manda parar a banda, vociferando bem alto para os músicos:” Não

foi assim que eu ensaiei: um *pê*, quer dizer *piano* e não *pila*... Virando-se de seguida para a multidão, encolhe os ombros, como que a pedir desculpa pela infeliz ocorrência. Depois da reprimenda, toma folgo e irrompe de novo o início da rapsódia.

Na verdade, por vezes era confrangedor vê-lo à frente da banda nas arruadas e procissões. A sua debilidade auditiva fazia com que a fila da frente quase se colasse a ele; isto, para ele ouvir melhor e assim mandar interromper quando bem o entendesse.



Procissão

Um dia numa procissão, as coisas não correram nada bem! Ainda a banda não tinha terminado a marcha, quando o mestre, antecipando-se, rodopia decidido para trás, ordena e grita, pondo as duas mãos na boca em forma de funil:” SENHORA DE FÁAAAATIMA.” Esta era na verdade uma marcha profunda que infundia religiosidade nos fiéis. Alguns músicos mais distraídos cedem à hilaridade da ocorrência, e obedecem ao mestre não contendo o riso em descarada maledicência. Aos poucos sobrepunham-se os sons das duas marchas como que tocando ao despique. O mestre, embaraçado dizia palavras praguejadas e sem sentido, revoltado com o seu estado de surdez...

Numa outra ocasião havia um concerto de muita responsabilidade na cidade de Vila Real Na véspera fez-se um ensaio preparativo e muito extenuante. Terminado o mesmo, os músicos Diamantino Dias e Toninho Silveira, transportam o mestre de carro a casa em Sanguinhedo. O Toninho aproveitando a oportunidade questiona o mestre:

- Ó Senhor Edmundo, amanhã a que horas temos de estar na cidade? – A resposta saiu disparatada e pronta:

- A Bicha Brava? (poeta e aldeão...) toca-se se se tocar.

Mestre Edmundo chegou à Banda de Mateus em 1965, reunindo vontades, alicerçando ideias, levando a colectividade a uma reabilitação moralizadora, pelo seu carácter de pessoa simples e homem de espírito altruísta. A sua total disponibilidade para a angariação de novos aprendizes foi reconhecida, mas poucos queriam aprender música, dada a fraca pedagogia dos mestres, e o mau comportamento de alguns músicos. A iniciação do solfejo, nesse tempo, conduzia inexoravelmente a juventude à recusa da aprendizagem musical. No entanto o mestre arranjou forma de arrastar alguns jovens para a banda usando uma estratégia de sucesso e que consistia em falar às pessoas da

importância da música na formação global e o futuro bonito que a arte dos sons podia proporcionar à juventude.

Mestre Edmundo, não deixa de ser uma referência extraordinária, como homem, combativo e amigo, visando um constante aperfeiçoamento da Banda de Mateus. Quando as coisas não lhe corriam bem, implorava a Frei Vicente olhando para o tecto da casa de ensaio que quase lhe tocava a sua estreita e alta cabeça.

No dia 14 de Abril de 1990, morre. Dias antes, evocava o nome de músicos que com ele souberam sofrer e dar voz à banda do seu coração. Foram perceptíveis os últimos suspiros de vida:” ah Mateus, Mateus da minha alma”, rasgando nos lábios o sussurro de uma longa despedida, não deixando contudo, de esboçar um leve sorriso.

Adérito Silveira - Maestro do Coral de Vila Real